

ENTREVISTA A GUILLERMO BALLEATO

TEMPO E DISPONIBILIDADE PARA OS FILHOS:



GUILLERMO BALLEATO, PSICÓLOGO EDUCATIVO, É AUTOR DO LIVRO “EDUCAR SEM GRITAR”, RECENTEMENTE LANÇADO EM LISBOA PELA EDITORA ESFERA DOS LIVROS, QUE PRETENDE DOTAR OS PAIS E EDUCADORES DE FERRAMENTAS E ESTRATÉGIAS PARA USAR NO DIA-A-DIA COM OS FILHOS. TAREFA APAIXONANTE MAS ÁRDUA, EDUCAR É, PARA BALLEATO, O PRIMEIRO E MAIS IMPORTANTE PASSO PARA UMA SOCIEDADE MELHOR — E É, POR ISSO MESMO, UMA TAREFA DE TODOS E DE CADA UM. NUMA ALTURA EM QUE SE MULTIPLICAM OS CASOS CONHECIDOS DE COMPORTAMENTOS INADEQUADOS, ERRÁTICOS, DE CRIANÇAS E JOVENS (E TAMBÉM DE PAIS E OUTROS FAMILIARES), O FIGUEIRENSE LEU O LIVRO E ENTREVISTOU ESTE ESPECIALISTA ESPANHOL.



Quando os pais gritam, a criança aprende o medo, não a mensagem

Logo nos seus agradecimentos, reparei que elogia a comunidade universitária da Universidade Carlos III, de Madrid, referindo – a título de exemplo do seu empenho na formação de alunos e seus educadores – cursos como “Pais e filhos – segredos para educar” ou “Educação, aprendizagem e modificação de comportamentos: aplicação no âmbito familiar”. Em Portugal, e ainda no ensino básico e secundário, ações desse tipo têm vindo a ser tentadas, algumas com reputados especialistas e abordagens inovadoras, mas o resultado é sempre o mesmo: poucos pais aderem. Estarão estes pais pouco motivados para serem “melhores pais”?

Estou convencido de que eles estão motivados. Estamos a enfrentar uma sociedade mais complexa que exige cada vez mais preparação. Em alguns casos falta tomar consciência para a real importância do tema. Em outros casos, entendo que a muitos pais lhes falte tempo. Algo semelhante acontece em Espanha. O trabalho ou os compromissos familiares reduzem muito a assistência às “escolas para pais e mães”. O número de mães que se envolvem excede significativamente o número de pais. Não creio que seja falta de interesse. E o que aumenta a esperança é ver que se vai tomando consciência da importância do envolvimento dos pais na educação das crianças, reconhecendo e ampliando direitos como a licença maternidade e paternidade.

Ainda nos agradecimentos, dirige-se à sua esposa e filhas, dizendo-se grato por se mostrarem “dispostas a ceder parte do tempo” que tinham para partilhar, de forma a que pudesse escrever este livro. É assim que entende o equilíbrio entre a realização profissional e a harmonia familiar, como algo que deve depender de um compromisso voluntário das partes?

A família é um sistema em que a coordenação, a coesão e o diálogo são elementos essenciais. Na vida, é necessário estabelecer prioridades. Se por vezes uma questão pessoal, social ou de trabalho podem afectar as pessoas que convivem connosco, é conveniente e natural falar para chegar a acordo. A negociação com base no respeito pelos outros, no saber ouvir, na empatia e boa vontade, permite encontrar soluções e acordos que possam satisfazer todos os membros. A prioridade na minha vida é a relação com minha família. A minha esposa e as minhas filhas de quinze e dezassete anos são a minha principal fonte de estabilidade e felicidade. Pude dedicar muito tempo à sua educação nos primeiros anos, e elas entendem que há alturas em que dedico mais tempo à minha actividade profissional. Sempre que posso estou com elas. Como menciono no subtítulo do livro “Educar sem gritar”, a minha casa é um lugar para viver, não apenas para sobreviver. A harmonia é algo por que devemos lutar, algo que temos de conquistar no dia-a-dia. É uma situação que temos de atingir no

contexto familiar, para lidar calmamente com os desafios que a sociedade nos apresenta.

“Temos menos filhos (...) e parece que temos muito menos tempo para lhes dedicar”. “Os professores não podem compensar as carências educativas que a criança sofre no ambiente familiar, nem remediar a má educação (...)”. Vivemos uma hipocrisia múltipla, já que as sociedades modernas delegam na escola o que não têm tempo de resolver nos lares”. Estas são as conclusões de Agustín Garcia Matilla, que assina o prólogo do seu livro. A médio e longo prazo, que consequências julga que advirão de tudo isto?

Vale a pena ler cuidadosamente e reflectir sobre as palavras que o Dr. García Matilla, um Professor da Universidade de Valladolid, menciona no seu prefácio do livro. Não podemos abdicar do nosso trabalho como pais, tentando deixar a educação dos filhos exclusivamente nas mãos dos professores. É um verdadeiro contra-senso



Crianças educadas ‘aos gritos’ têm tendência para reproduzir, ao longo da vida, a violência de que foram vítimas

delegar neles essa responsabilidade que é nossa. Para piorar a questão, acaba-se por pôr em causa, corroendo e minando, a autoridade dos professores à frente das crianças, com frases como “Não faças caso do professor. Esse professor não sabe o que diz”. A educação é uma responsabilidade irrenunciável dos pais. Aqueles pais que não têm tempo para educar, orientar e supervisionar os seus filhos nos primeiros anos, que se preparam para investir tempo e recursos mais tarde, para tentar solucionar os problemas que muito provavelmente vão acontecer no futuro. A dedicação à educação, especialmente nos primeiros três anos, é o melhor investimento para o futuro que qualquer Estado e qualquer Governo podem fazer. A educação das crianças hoje evita que amanhã seja necessário punir os adultos.

Diz ainda Agustín Garcia Matilla que este livro é para pessoas “que não se conformam com receitas batidas ou lugares-comuns”. Na sua opinião há pais que andam à procura de uma espécie de ‘dieta rápida’ para ficarem em boa-forma enquanto pais? Andará a nossa sociedade veloz em busca de soluções fáceis e rápidas, sem as questionar?

Este livro é uma oportunidade para a análise e auto-reflexão. É necessário pensar, observar e procurar soluções à medida, estratégias personalizadas e propostas criativas. A educação é um tema demasiado complexo para se conformar com receitas estandardizadas. Esse tipo de soluções raramente funciona em todos os casos. Cada família é única; cada pessoa é diferente. Temos de compreender as condições de cada família e de cada filho para introduzir estratégias apropriadas. Penso que o livro apresenta de forma clara e simples os princípios pedagógicos que servem de suporte à introdução destas estratégias personalizadas. As leis gerais que regem a aprendizagem, o comportamento ou a motivação, por exemplo, estão expostas de uma forma acessível e clara. Elas são fáceis de entender e de ter em conta para a sua execução. A maioria dos pais pergunta-se como é possível que não as tenham considerado antes.

“A condição de ser humano de que mais me orgulho é a de pai”. É com esta afirmação que abre o seu livro. Mais adiante diz que profissionais como “psicólogos, professores e especialistas nesta área, têm o privilégio de conhecer o tema da educação devido à sua formação académica”, dispondo de um “arsenal de critérios e estratégias” que deveriam “estar ao alcance de todas as pessoas”. Quer com isto defender que estes profissionais tendem a ser melhores pais e educadores do que o resto da sociedade?

Absolutamente. O que pretendo é mostrar que a formação nesta área tão complexa como excitante não deve ser apenas privi-

“É URGENTE REVER AS NOSSAS PRIORIDADES”

légio dos profissionais, mas deve ser acessível a todos. E que, aqueles que pela sua formação têm acesso ao conhecimento de todos estes princípios e estratégias têm mais recursos para educar, e para fazê-lo com certos critérios e com muito mais segurança. Esta é uma das razões pelas quais eu expressei o meu orgulho na condição de pai tal como na condição de professor. O facto de não saber como enfrentar qualquer tarefa gera incerteza, erro e culpa. Ter formação e critérios para uma tarefa faz com se sintam que se está a fazer um bom trabalho. A culpa, em geral, é um obstáculo que faz perder o sentido e a direcção.

“A educação é provavelmente o melhor legado que podemos deixar aos nossos filhos, é um património que os acompanhará ao longo de toda a vida”. No entanto é em nome da segurança financeira, e até de luxos materiais, que trabalhamos cada vez mais e temos cada vez menos tempo para os nossos filhos. É urgente repensarmos as prioridades que orientam as nossas vidas?

Esta questão pode ser convertida directamente numa afirmação. É “urgente” rever as nossas prioridades. Tanto tempo para trabalhar! Como é dada muita importância ao dinheiro e às posses! Nesta sociedade, há demasiado na janela e pouco portas adentro. Está-se a esquecer, perigosamente, o que é verdadeiramente importante. A nossa grande tarefa na vida pode ser a de contribuir para uma sociedade melhor, mais justa, mais solidária. A melhor maneira é através da educação. Quem não tem tempo para dedicar aos seus filhos quando eles são pequenos deve saber que esses anos não vão voltar. Não poderá recuperá-los. O tempo passa... Não se deve esquecer que conviver é educar. O exemplo educa tanto ou mais do que a palavra, e isso é aprendido no dia-a-dia. Como diz um clássico aforismo latim, a palavra ensina, mas o exemplo arrasta.

Uma das questões que incentiva os pais a fazerem-se prenda-se com os valores que querem transmitir aos seus filhos. Numa sociedade ferozmente competitiva em que os ‘maus’ nem sempre são castigados e os ‘bons’ ficam muitas vezes sem recompensa, estarão esses valores a mudar? Poderão os pais questionar-se se será no melhor interesse dos filhos ensinarem-lhes valores como o altruísmo, a solidariedade ou o ‘dar a outra face’?

Os valores são os pilares que permitem ao ser humano viver em sociedade. Potenciá-los é proporcionar um verdadeiro legado para a Humanidade. É necessário reflectir sobre a sua importância. Existem muitos valores no livro, mas tenho seleccionado vinte dos que considero essenciais. Gostaria de encorajar os pais a tentarem seleccionar os três que consideram fundamentais. No meu caso, por exemplo, a Justiça, o Respeito e a Solidariedade, poderiam preencher essas posições superiores. Ter princípios claros é um primeiro passo para os mostrar e transmitir, principalmente através do nosso próprio comportamento, com coerência. Esta palavra é repetida no livro como uma referência contínua. Dela deriva a verdadeira autoridade moral que os pais devem ganhar.

“Os nossos bons sentimentos não nos transformam automaticamente em bons educadores”, diz no seu livro. Mas adiante sugere até que deveria existir “uma carta de pais com pontuação”, numa analogia entre a condução de um veículo e a de



Os gritos prejudicam a auto-estima das crianças

uma vida. Não é já o que se faz para a adopção? Ou seja, quem quer e/ou pode ser pai/mãe natural é-o sem ter que provar qualquer competência, mas a quem deseja adoptar exige-se ‘pontuação máxima’ em critérios que transformam os candidatos em pessoas-quase-perfeitas. Concorda com isto?

Cuidado. Pode interpretar-se mal e distorcer o significado da alegação. Para começar, a mãe ou o pai perfeito não existem. Existem pais que realmente estão empenhados em educar os seus filhos e outros que o fazem porque o fardo lhes caiu em cima e não têm outro remédio. Fazem-no sem interesse, sem critério. Abandonam os filhos à sua sorte. Têm crianças porque são fisicamente capazes de o fazer, mas não estão psicologicamente preparados, nem os desejam, nem tem motivações, nem estão interessados em saber como fazê-lo bem. O que me surpreende é que para conduzir um automóvel seja necessário tirar uma licença, mas para conduzir algo tão sensível como a vida das nossas crianças se dê por adquirido que qualquer pessoa pode fazê-lo. Um progenitor que maltrata o seu filho física e psicologicamente deveria perder o direito sobre a criança, como perde o direito de conduzir se dirige sistematicamente de forma irresponsável, com elevadas taxas de álcool ou em direcção contrária, por exemplo. Saber, querer e poder são três questões importantes para educar.

O divórcio dos é, na sua opinião, um acontecimento doloroso para as crianças, mas não necessariamente traumático. No entanto, para que não haja trauma, é necessário que pais que através do divórcio procuram a sua própria felicidade, consigam em cada fase do processo colocar a dos filhos em primeiro lugar. Não é paradoxal?

O que afirmo é que, se o processo for bem sucedido, é possível alcançar a felicidade de todos os membros. A felicidade dos pais não tem que ser conseguida à custa da infelicidade dos filhos. Numa ruptura familiar deve ter-se em especial atenção e colocar em primeiro lugar a parte mais frágil. Neste caso, é evidente que são os mais pequenos. A chantagem emocional tem consequências negativas. O egoísmo de muitos pais que se separam fá-los concentrarem-se tanto no seu sofrimento, na sua dor e infelicidade, que esquecem o mal que podem estar a causar aos seus filhos. Em alguns casos fazem deles os espíões do seu parceiro, os terapeutas da sua dor, os seus emissários ou mensageiros.

A probabilidade de que filhos de pais divorciados se venha a divorciar também é, na sua opinião, maior. Mas não é possível que os filhos do divórcio – muitas vezes vítimas das guerras pós-separação, conhecedores da dor do pai-de-fim-de-semana, dos conflitos com as namoradas do pai e os namorados da mãe... – estejam até mais predispostos a fazer as cedências necessárias a que um casamento funcione, para evitar sujeitar os seus próprios filhos a tudo isso?

É certo que a empatia, a capacidade de colocar-se no papel das crianças, aumenta quando se foi uma vítima do sofrimento que muitas vezes surge como resultado de um divórcio. No entanto, ainda que em alguns casos não seja assim, muitos pais que quando eram crianças sofreram estilos educativos inadequados repetem, sem querer, esses mesmos padrões inadequados. Cometem erros muito semelhantes aos dos seus pais: voltam aos sermões e aos gritos, aos castigos corporais... Muitos casos de violência sobre as crianças ocorrem em contextos familiares violentos.

Poderíamos pensar que uma criança que sofreu violência não deveria pensar em utilizá-la, no entanto, as estatísticas mostram que não é assim. Esse é o modelo que conhecem e que acabam por imitar e reproduzir. Quando alguém viu, no seu próprio sistema familiar, a fragilidade das relações e a ruptura como uma alternativa, pode entender com mais motivos que essa seja a saída razoável.

Cada vez mais temos conhecimento de casos em que crianças e jovens são protagonistas de situações de violência extrema, contra os outros e contra si mesmos. Jovens que agridem professores, que roubam os pais para comprarem roupa de marca, que combinam actos de violência gratuita por pura ‘diversão’. São muitas vezes jovens oriundos de contextos sociais problemáticos, mas não é raro que sejam indivíduos cujo passado não fazia prever nada do que acontece.

Que caminho deve a sociedade traçar para proteger as suas crianças e jovens, e para se proteger?



Guillermo Ballenato alerta: pais que não invistam na educação dos filhos pequenos, vão ‘pagar a factura’ mais tarde

A educação é o melhor antídoto. Nesta sociedade tão complexa, é necessário reivindicar uma formação adequada para aprender a educar, através de escolas para pais, por exemplo. É urgente a revisão do modelo social prevalecente, valorizar a transmissão de valores essenciais, tais como o respeito, progredir na recuperação de uma verdadeira autoridade moral. Muitos pais confundem autoridade com punição. É um grande erro. O castigo é a demonstração de que não se fez um bom trabalho de prevenção. Educar é prevenir. A autoridade é a consequência do estabelecimento de normas claras, razoáveis e partilhadas, que se fazem respeitar. Mas, acima de tudo, é a consequência natural da coerência. Pais incoerentes perdem a sua autoridade. Os pais que sentem, pensam, dizem e fazem coisas diferentes; que dizem uma coisa hoje e amanhã outra; pais arbitrários, que mostram favoritismos, pouca equidade, uma argumentação pobre e um comportamento sem critério... esses pais e educadores perdem de imediato a autoridade, desorientam as crianças e dificultam a sua futura integração numa sociedade que exige cumprimento e respeito pelas regras. Acreditam que é punindo ou gritando que vão recuperar a autoridade perdida. É um erro que acaba por ser pago por toda a sociedade.

“Educar sem gritar” foi o título escolhido para este livro. Confesso-lhe que, como mãe, não sei se gostaria que me vissem a comprá-lo: podiam ver o meu gesto como uma admissão da minha incapacidade para, por mim, educar sem ‘perder a cabeça’. Porquê optar por esta forma ‘dura’ de se dirigir aos pais?

A sua pergunta faz muito sentido. A intenção do título não é a de realçar potenciais falhas na maneira de educar os pais, muito menos a de os fazer sentirem-se culpados. Destina-se, isso sim, a chamar a atenção para um comportamento tão comum quanto inadequado. Levantar a voz é um sinal de falta de autocontrolo, de desgaste de autoridade, de perda de razão ainda que se vença a contenda. Os maus modos impedem que se escute o conteúdo, prejudicam a auto-estima da criança e aumentam a culpa dos pais. Os gritos não servem nem como alívio. Educação é uma palavra que deve escrever-se em letras maiúsculas. Quando é inapropriada, as consequências tornam-se evidentes e, infelizmente, podem ser vistas no comportamento quotidiano das nossas crianças e jovens. Este livro não fala só dos gritos. Discorre sobre a forma de alcançar uma sociedade mais justa, mais respeitadora e mais feliz, a partir das boas relações dentro do ambiente familiar, e da melhoria da educação. É neste projecto comum que temos de trabalhar juntos. Uma responsabilidade de todos exige coragem, pôr de lado as culpas para analisar as causas, procurar soluções e prevenir, de frente, o futuro.

Andreia Gouveia